

FILOSOFIA E FORMAÇÃO SUPERIOR

Neste artigo apresento o material didático escrito para uma disciplina de introdução à Filosofia.

Palavras-chave: ensino superior; filosofia; profissão

Introdução

Uma disciplina de Filosofia precisa mostrar a origem do conhecimento tido como científico, além de ampliar a capacidade discente de discernimento, senso crítico e reflexão. A Filosofia é considerada a mãe de todas as ciências e seu conhecimento ajudará o discente a compreender as bases epistemológicas de sua profissão.

Neste texto, veremos o início do pensamento filosófico na Grécia antiga, passaremos pela idade média, quando a filosofia se torna a base da teologia e chegaremos à modernidade, quando a filosofia recoloca o homem no centro do mundo originando a ciência que, por meio da revolução industrial e, mais recentemente, da revolução digital, se torna protagonista na pós modernidade. Para tal itinerário, escolhemos os filósofos considerados mais relevantes e as temáticas mais próximas de uma formação profissional, de modo a transformar o exercício filosófico em algo próximo da realidade de sua profissão. Optamos por um texto que trabalha os temas e conceitos por meio de um espiral que faz uma primeira abordagem de um tema, para, posteriormente, retomá-lo em uma outra perspectiva, de modo que o aprendizado se efetive de modo mais exitoso.

Quando entramos para uma faculdade, passamos a ter contato com a ciência, seus métodos e sua história. Todas as diversas formas de fazer ciência que conhecemos hoje, têm uma origem em comum: a filosofia. Por isso, esta disciplina está presente em praticamente todos os cursos superiores, desde medicina, engenharias até pedagogia e administração, por exemplo. É importante lembrar que esta divisão atual das ciências em exatas, biológicas e humanas é algo relativamente recente que ocorreu no séc. XIX, antes disso todas as ciências se confundiam com a própria filosofia.

Acessar o ensino superior é se tornar um acadêmico, ou seja, entrar em contato com a produção científica, e há uma trajetória histórica percorrida por todo este conhecimento que tem seu início coincidindo com o advento da filosofia. Por isso, dizemos que a filosofia é a “mãe” de todas as ciências.

Compreender o que é a filosofia é de suma importância para qualquer formação acadêmica e este texto vai problematizar estas questões, no intuito de fornecer subsídios teóricos, de modo que sua formação permita uma visão crítica e reflexiva de sua profissão, com o objetivo de formar sujeitos pensantes e não apenas técnicos.

A filosofia é capaz de mostrar a origem do próprio pensamento científico, além de estar na base de muitas teorias de áreas específicas, ou seja, quem conhece um pouco de filosofia tem facilidade com muitas teorias de sua própria área. A filosofia tem a capacidade de aprimorar o pensamento, estimulando a reflexão, desenvolvendo o senso crítico e promovendo criatividade e inovação. A filosofia tem a capacidade de te fazer pensar "fora da caixa" e te levar para um lugar diferenciado. Apaixone-se pela filosofia e se torne um amante do conhecimento!

1. O que é Filosofia?

Por se tratar de um termo que não tem uma única definição, desenhamos um itinerário conceitual, que começa nas possibilidades de percepção da filosofia na experiência cotidiana, até a compreensão da filosofia como origem de todo o pensamento científico, passando por temas como a do sujeito filosofante, a admiração ou espanto como princípio da filosofia e a relação entre Filosofia e ideologia.

Você, alguma vez, já “parou pra pensar”? Em nossa vida diária estamos imersos na realidade de tal modo, que nossas ações tendem a uma automatização. Acordamos, tomamos banho, café, saímos de casa, pegamos o ônibus, chegamos ao trabalho e nem percebemos como fizemos tudo isso.

O cotidiano se impõe e os dias vão se sobrepondo, repletos de demandas de toda ordem. Estamos imersos nesse turbilhão de coisas que fazem a expressão: “parar pra pensar” ter todo o sentido. De fato, o pensamento é algo inerente ao ser humano, mas podemos dizer que existem formas de pensar que são diferentes umas das outras.

Aqui já podemos começar a definir a filosofia como uma forma específica de pensar o mundo, ou como uma busca por uma melhor maneira de pensar. Afinal, tanto faz como se pensa ou existe a melhor maneira de pensar? Normalmente, quando “paramos pra pensar” estamos em busca de um tipo de pensamento mais reflexivo, ou seja, aquele que se volta para si mesmo. Uma reflexão é um gesto essencialmente filosófico, mas a filosofia é mais que isso.

Platão, famoso filósofo grego da antiguidade, afirma que a filosofia nasce do espanto, da admiração. O que ele quer dizer com isso? Segundo Platão, o filósofo seria aquele que consegue ver o que poucos veem, conseguindo até mesmo se admirar com algo simples e banal. Como uma criança de dois anos de idade, que fica encantada com o fato de uma torneira lançar esse tubo mágico de água que cai e se dissipa provocando uma poça.

Para nós, adultos, o fato de sair água de uma torneira é algo óbvio e banal, porém, as crianças conservam este espanto pela eterna novidade do mundo e se deixam levar por ele. Nós, adultos, tendemos a perder esse modo de percepção do mundo e a filosofia busca recuperá-lo.

O famoso pintor espanhol Pablo Picasso sempre afirmava que demorou a vida inteira para conseguir desenhar como uma criança. Nesse sentido a filosofia seria esse exercício de sensibilização que humaniza e é capaz de desautomatizar nossos gestos. Mas a filosofia ainda é mais que isso.

1.1 O filósofo que caiu no poço

Como você pode perceber, a definição de filosofia é algo complexo, ou seja, ela não pode ser definida em uma única resposta. A filosofia é um campo do

conhecimento humano que lida com as perguntas desprovidas de respostas simples ou que têm muitas possibilidades de serem respondidas de formas diferentes.

À filosofia interessa muito mais a pergunta que a própria resposta, pois esta acaba por encerrar a atitude filosófica que, para se manter ativa, sempre desconfia e duvida das respostas definitivas. Na verdade, a resposta que dá um fim a uma questão acaba com a própria filosofia, que busca muito mais formular perguntas, problematizar e questionar do que apenas responder. Nesse sentido a filosofia é uma atitude diante do mundo, mas sua definição não se limita a essa resposta. A filosofia ainda é mais que isso.

Na história do pensamento ocidental, a filosofia surge como o momento em que o homem rompe com o mito e busca respostas próprias para suas inquietações. O filósofo é aquele que tenta enxergar a realidade de uma maneira diferente da maioria, buscando a totalidade, a universalidade.

Existe, em nosso imaginário, um estereótipo de filósofo que é aquela pessoa desligada das coisas cotidianas, que fica imerso em pensamentos e não se importa tanto com questões materiais, preferindo as questões abstratas e reflexivas. Pensemos em nosso cotidiano, repleto de pequenas urgências como contas a pagar, compras de mantimentos, cuidar dos filhos, etc.

Quando estamos nesse grau de envolvimento com a realidade, normalmente não conseguimos uma condição adequada para uma reflexão sobre o sentido das coisas, então a maioria das pessoas estabelece uma relação com a vida que implica essa proximidade com os afazeres diários que pode ser simbolizada pela imagem de uma pessoa com o nariz encostado em uma parede.

O filósofo é aquele que tenta se afastar da parede no intuito de ter uma visão mais ampla do todo e, conseqüentemente, se afasta da própria realidade cotidiana. O filósofo grego Platão, nos diz, em um de seus diálogos, que Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo e um dos sete sábios da antiguidade, teria se distraído ao olhar para o céu e caído em um poço:

“Foi o caso de Tales, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que passava no céu, mas não via o que estava junto dos próprios pés. Essa pilhéria se aplica a todos os que vivem para a filosofia.” (Platão, 2001)

Talvez por isso este estereótipo do filósofo como alguém que fica “viajando” sobre as coisas, mas a filosofia ainda é mais que isso.

1.2 Amor à sabedoria

A palavra filosofia vem dos termos gregos *philo* e *sophia* e tem um significado muito interessante. *Philo* vem de *philia*, que significa amor, amizade, identificação.

O termo em português ‘filiação’ tem origem etimológica no termo grego *philia*, portanto quando você se filia a um partido ou a uma torcida organizada você está compartilhando interesses, valores, etc. ou seja, está se identificando com isto.

Já o termo *sophia* significa sabedoria. Portanto, filosofia significa amor à sabedoria. Este termo foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo grego Pitágoras de Samos, que viveu no séc. V a.C. Pitágoras dizia que o verdadeiro sábio nunca teria a sabedoria por completo, nunca seria dono da sabedoria, mas sim deveria desejá-la, amá-la.

Por isso, ao ser chamado de sábio por seus contemporâneos, Pitágoras recusou este título, se dizendo, não um sábio, mas sim, um amante da sabedoria. Este termo ganhou notoriedade com Sócrates, famoso filósofo grego que o adotou e o consagrou até os dias de hoje.

Mas, antes mesmo de existir o termo 'filosofia', ou essa atitude específica de lidar com o pensamento, podemos dizer que, isto que veio a se chamar filosofia, teve uma época e um lugar de nascimento distintos: a Grécia antiga, no séc. VI a.C. Mais precisamente no dia 28 de maio do ano de 585 a.C., mas como é possível sabermos essa data tão precisa?

Na verdade, a filosofia nasce com uma previsão de um eclipse e, como a física contemporânea consegue prever todos os eclipses por meio de cálculos, podemos saber exatamente como ocorreu este famoso episódio.

Tales de Mileto, filósofo grego do séc. VI a.C, nasceu em um contexto no qual as coisas eram explicadas pelas narrativas míticas. O mito é esse conjunto de narrativas que oferece explicações para questões difíceis, tais como a origem do mundo, a vida após a morte, a existência das divindades etc.

O mito foi a primeira forma que o *homo sapiens* criou para tentar explicar o mundo e, de certo modo, é também uma forma de iniciar uma relação de domínio da natureza. Podemos inferir que o homem primitivo estava muito mais sujeito às forças da natureza e, por isso, as temia.

As explicações mitológicas são uma forma de tentar dar conta desses fenômenos e, de certo modo, tentar dominá-los. O mito é uma característica de todas as formas de existência humana no planeta terra em todas as épocas, desde as hordas mais primitivas, tribos e civilizações mais diversas, até a atualidade, na qual a mitologia cristã, por exemplo, ainda é muito importante para nossa cultura ocidental.

Hoje temos, ao mesmo tempo, as explicações mitológicas, como o criacionismo cristão, as explicações filosóficas e as explicações científicas convivendo concomitantemente. Mas Tales, em sua época, só tinha a mitologia grega. Portanto, todos as pessoas com as quais Tales convivia, confiavam nas explicações mitológicas e uma dessas explicações dizia que o eclipse seria provocado por Zeus, o principal deus da mitologia grega, que, ao reprovar algo nos homens, taparia o sol com sua mão para expressar esta reprovação.

Tales, em uma atitude diferente de todos seus contemporâneos, busca uma explicação alternativa e, por meio da matemática (sim! Este é o mesmo Tales do teorema!), de muita disciplina e de muita observação dos movimentos dos astros, Tales levanta uma possibilidade, uma hipótese: Será que luz da lua provém do próprio sol? Será que o eclipse é a lua passando na frente do sol? E busca compreender este fenômeno por meio de sua possibilidade de ser previsto, a partir de sua ciclicidade, repetição, ou seja, de sua necessidade.

1.3 Necessidade e contingência

Aqui podemos entrar com dois conceitos muito importantes para a filosofia nascente, são eles: necessidade e contingência. Necessidade é aquilo que necessariamente vai acontecer, ou seja, que tem um ciclo, que tem um padrão de repetição, diferente do significado de contingência, que está ligado ao acaso, ou seja, aquilo que é imprevisível.

Por exemplo: todos nós vamos morrer, necessariamente. Isto é uma necessidade, é inevitável, vai acontecer, mas o modo como vamos morrer é uma contingência, é algo não previsível, é algo que não pode ser calculado.

Ou ainda, se eu soltar um vaso pela janela do sétimo andar, necessariamente ele vai cair, mas se vai acertar alguém, aí já é uma contingência. A questão é que, para a mitologia, todos os fenômenos da natureza eram contingências, pois dependiam da vontade dos deuses, por exemplo, se uma chuva de granizo devasta uma plantação, isso seria um castigo divino, ou se um ipê amanhece florido, isto seria uma dádiva dos deuses, mas ambos fenômenos poderiam acontecer a qualquer momento, sendo considerados imprevisíveis, assim como o eclipse.

O que Tales fez foi demonstrar que o eclipse era algo possível de ser previsto, já que se tratava de um ciclo natural passível de compreensão por meio da razão. O eclipse é algo necessário e não contingente, ou seja, acontece necessariamente, de tanto em tanto tempo, e a matemática aliada à observação sistemática, deu a Tales a possibilidade de prever este acontecimento.

A matemática já era um instrumento amplamente utilizado por várias civilizações antes do Tales, por exemplo os egípcios, que surgem antes dos gregos, já dominavam técnicas impressionantes de construção de pirâmides alinhadas com o movimento dos astros, ou os maias, que aqui nas américas, já haviam formulado um calendário de treze meses que resolveu a questão do ano bissexto muito antes dos europeus.

Porém, nestas civilizações, a matemática era considerada sempre uma espécie de conhecimento divino, estava sempre relacionada a um ritual. A construção de uma pirâmide, por exemplo, além de levar gerações para ser concluída, estava totalmente ligada a uma questão que transcende todos os homens. Uma pirâmide é o túmulo de um faraó, que era considerado um deus encarnado.

Ou seja, o conhecimento matemático de sua construção estava totalmente vinculado a este fato e somente pessoas específicas, espécies de sacerdotes, tinham acesso a esse conhecimento matemático, que tinha sua utilidade restrita a esta função divina. Não havia autonomia nem interesse no uso da matemática para outros fins. Não era qualquer um que a utilizava do modo que quisesse, mas sim, apenas os indivíduos específicos que a tratavam como algo mágico, que teria uma função determinada pelos deuses.

Portanto, Tales de Mileto promove uma ruptura inédita na história do pensamento ocidental. Tales tem uma atitude antropocêntrica ao utilizar a matemática como uma ferramenta de modo autônomo e, por meio dela, desmistificar um fenômeno que era tido como algo misterioso e repleto de maus presságios.

O eclipse agora poderia ser visto como um fenômeno natural e previsível, por meio de um gesto humano de compreensão de seu mecanismo. Assim, Tales inaugura a filosofia e a própria ciência. Por isso, a maioria dos filósofos gregos era formada também de matemáticos, pois este recurso se mostrou muito

poderoso no processo de compreensão de questões da natureza e do próprio homem. A escola filosófica de Platão, a Academia, tinha em sua entrada a inscrição: "Não entre aqui quem não souber matemática".

É claro que quando Tales fez a previsão do eclipse e esse ocorreu conforme previsto, a maioria das pessoas de Mileto, cidade de Tales, certamente não conseguiu compreender como Tales havia conseguido aquele feito, pois para esse entendimento, se fazia necessário um conhecimento de matemática, de astronomia e muita disciplina, esforço e dedicação.

Então, podemos inferir que a maioria das pessoas preferiu respostas mais simples de assimilar, tais como considerar Tales um semideus, dizer que foi Zeus que contou para Tales quando o eclipse aconteceria, dizer que Tales frequentava o Olimpo quando estava aparentemente desaparecido em suas constantes e sistemáticas noites de observações do firmamento. Há uma tendência do senso comum em optar pelas formas mais simples de entendimento das coisas e a filosofia já nasce abrindo esta nova perspectiva de compreensão.

1.4 O senso crítico

Porém, Tales sempre se mostrou aberto e disposto a ensinar seu método para quem estivesse também disposto a se dedicar aos estudos e, naturalmente, a grande maioria das pessoas preferiu continuar acreditando que Tales era uma espécie de "semideus", do que se esforçar para compreender este fenômeno com a profundidade que Tales alcançou. De qualquer forma, os poucos que se aproximaram de Tales se tornaram seus discípulos e Tales, ao invés de se dizer o dono da verdade, estimula seus alunos a pensarem por si mesmos, inclusive discordando do próprio Tales, inaugurando também o senso crítico, elemento fundamental da filosofia e da ciência até os dias de hoje.

Você já deve ter ouvido que algum colega vai 'defender' seu TCC (trabalho de conclusão de curso) ou sua dissertação de mestrado ou tese de doutorado. O termo 'defesa' explicita esse senso crítico, por meio do qual os pesquisadores podem e devem questionar uns aos outros buscando sempre, por meio da comprovação, demonstração e método, a veracidade de suas ideias.

1.4.1 O senso crítico e a atualidade

Atualmente vivenciamos uma situação semelhante entre o conhecimento aprofundado e as opiniões das pessoas no âmbito do senso comum. Ainda mais em um mundo que está presenciando a revolução digital, repleto de *fake news*, que as pessoas compartilham e reproduzem sem nenhum critério.

Por isso, a filosofia se faz mais necessária do que nunca nesse mundo pós moderno, no qual a mídia nos fornece as informações já processadas e prontas, com uma opinião já formada. Pensemos em um telejornal que, antes mesmo de anunciar o assunto de determinada notícia, já induz o espectador a receber esta notícia com sentimentos pré estabelecidos.

Por exemplo, o jornal anuncia o mote: Corrupção! Já aparece uma imagem de um uma tubulação repleta de notas sujas, sugerindo o dinheiro sujo de propinas, e tudo isso antes mesmo de dizer quem é o político ou quais são as circunstâncias disso.

Em outro exemplo o apresentador anuncia, por meio de seu semblante, uma notícia ruim: "Os pátios das montadoras estão lotados, as vendas de carros caíram" Esta notícia é ruim para os empresários, mas para a maioria da população que utiliza transporte público, seria mais interessante que houvesse menos carros nas ruas e um transporte público acessível e de qualidade. Portanto, o estudo da filosofia é capaz de promover a cidadania e a consciência críticas necessárias para a prática da legítima democracia.

1.5 Mito e Filosofia

O mito é um modo de compreensão do mundo que envolve a crença, mais que a razão, mas não deixando de tê-la em certa medida, pois somente o homem seria capaz de inventar mitos. O mito está associado a uma tradição que já existe em uma sociedade. O mito tende a ser dogmático, ou seja, não há como questioná-lo. Os mitos mudam de lugar para lugar e de época para época.

Já a filosofia também é um modo de compreensão do mundo, mas, ao nascer no seio do mito, tenta se desvencilhar dele buscando uma ruptura. A filosofia coincide com a invenção da razão, esta busca pela comprovação, demonstração, pelo pensamento sistemático, pela verdade objetiva e universal das coisas.

A filosofia, diferentemente do mito que está sempre ligado a uma tradição, nasce de uma atitude antropocêntrica. É o Tales de Mileto que se coloca no centro do mundo e afirma que o eclipse é algo passível de previsão, por meio de cálculos e observações sistemáticas.

Tales rompe com toda uma tradição, inventando este novo modo de compreensão do mundo que veio a se chamar filosofia. Tales, desde o início de suas pesquisas, sempre incentivou seus discípulos a pensarem por si próprios. Tales já exercitava o senso crítico, ou seja, o direito de questionar tudo, sem se prender a dogmas.

A filosofia busca respostas que sejam universais, diferentemente dos mitos, que mudam de lugar para lugar e de época para época, a filosofia busca verdades que possam valer em qualquer época e lugar.

A filosofia, portanto, é esse modo de compreensão do mundo que nasce em contraposição ao mito, mas com o mesmo intuito de busca por respostas para os fenômenos da natureza e para as questões humanas. A filosofia originou o que hoje conhecemos como ciência.

Na verdade, ciência e filosofia eram uma coisa só até o século XIX, quando se separam em decorrência da revolução industrial, por meio da qual a ciência se aproxima da técnica e do mundo prático, gerando tecnologia e produtos a partir de uma perspectiva utilitária, enquanto a filosofia se mantém nesse lugar especulativo e reflexivo, inclusive vendo com desconfiança os movimentos da ciência na modernidade.

Normalmente mito e filosofia são apresentados de modo antitético, ou seja, como opostos, mas trata-se de um recurso didático para facilitar a compreensão, porém, aqui, já é possível problematizarmos esta questão e reconhecermos as diferenças e semelhanças entre mito, filosofia e ciência, lembrando que é descabido falarmos em hierarquia, no sentido de dizer que uma forma de compreender o mundo é superior à outra, ou melhor que a outra.

A própria filosofia problematiza esta questão, ao apontar as limitações do conhecimento científico, como faz a epistemologia, este campo do conhecimento filosófico que tem como objeto de estudo o próprio conhecimento, suas limitações e aplicações e, até mesmo, o irracionalismo, corrente filosófica que critica a própria racionalidade, ressaltando o modo como a filosofia e a ciência se tornaram demasiadamente racionalistas em uma pretenciosa ilusão de domínio da natureza, como afirmou o filósofo alemão do séc. XIX, Friedrich Nietzsche, ao valorizar a linguagem poética e metafórica, assim como eram os mitos na antiguidade. O filósofo Paulo Ghiraldelli Junior, ao comentar a função social do mito, afirma que:

O papel do mito é o de informar as pessoas e dar sentido à existência delas, as que creem nele, mas, principalmente, o mito deve socializar os que vivem em uma comunidade que é mantida unida, em grande parte, por tal função de agregação que ele proporciona. A comunidade que forma o “nós”, os que se organizam socialmente da mesma forma e se tomam como “semelhantes”, possui em comum, exatamente, o mito. Assim, o mito é um elemento forte na Grécia antiga porque fornece cimento interno e, além disso, é a narrativa (única) que diz o que é comum para este “nós” – os gregos. (Ghiraldelli Junior, 2003.)

A filosofia mantém um diálogo intenso com o mito, principalmente em seu início. Este diálogo se reflete no estilo de escrita da produção de ideias filosóficas. O mito sempre se utiliza de uma linguagem metafórica, repleta de símbolos e imagens. A filosofia inicial é escrita em versos poéticos, assim como a mitologia, porém vale ressaltar a ruptura que a filosofia provoca, pois, no caso do mito, essas alegorias vêm de uma tradição que é maior que qualquer indivíduo, que só pode acreditar nelas e reproduzi-las sem a possibilidade de questioná-las. Já a filosofia permite que um indivíduo formule suas próprias ideias, seja em forma de alegorias ou com a lógica e, individualmente, proponha sua explicação. Platão, por exemplo, é um filósofo que rompe com o mito ao buscar respostas por meio da razão, mas seu estilo de escrita se assemelha ao mito no que tange à forma, pois Platão utiliza-se de uma linguagem alegórica em vários momentos de seus diálogos, como na famosa passagem do livro VII da A República, mais conhecida como o "Mito da Caverna".

1.6 Filosofia e ideologia

O termo ideologia pode ser definido como um conjunto de convicções filosóficas, sociais, políticas, estéticas etc. de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Atualmente nosso país vive um momento conturbado em termos ideológicos. Desde as jornadas de junho de 2013, nossas redes sociais passaram a ter o elemento político presente de modo eminente e as ideologias emergiram nesse contexto de revolução digital. Direita, esquerda, conservadorismo, liberalismo, socialismo, anarquismo, comunismo e tantos outros "ismos" passaram a integrar as postagens e compartilhamentos.

A filosofia nos mostra que a história não necessariamente segue uma linha reta, em uma direção progressista, pois há sempre momentos de reacionarismo que nos dão a impressão que a sociedade também recua em certos aspectos. Na verdade, o próprio conceito de progresso pode ser considerado uma espécie de ideologia, pois, desde a revolução industrial, no séc. XIX, ouviu-se que a modernidade estaria se efetivando e que as sociedades percorreriam um caminho pelo viés do progresso até o desenvolvimento.

Um exemplo disso é o fato de que, na década de 80 do século passado, era comum a utilização de uma nomenclatura que classificava os países em desenvolvidos e subdesenvolvidos, porém atualmente, o termo 'progresso' está desgastado e já não corresponde mais às nossas demandas e anseios do séc. XXI.

Em nome do progresso se fez muitas coisas consideradas hoje desastrosas, como destruição de florestas, aterros e até destruição da memória por meio de atitudes que podem ser sintetizadas em frases como: Vamos derrubar essa mata em nome do progresso, ou aterrar este pântano em nome do progresso, ou derrubar este prédio para construirmos um novo e mais moderno, tudo em nome do progresso.

Hoje o termo mais adequado para pensarmos o futuro não é mais progresso, mas sim sustentabilidade. Por meio dela estamos enfrentando este desafio de nos compreendermos parte do ecossistema e do meio ambiente, não encarando a natureza como algo a ser vencido ou dominado, mas sim, nos compreendendo como integrantes da natureza, mais uma espécie que depende de outras espécies e necessita do mesmo oxigênio, dos mesmos nutrientes e do mesmo planeta.

A filosofia nos auxilia a questionar, perceber e buscar atitudes que possibilitem assimilar as ideologias de nosso tempo e a utilizá-las como lentes de aumento para a compreensão do mundo e não como fatores limitadores.

Conclusão

Neste texto, começamos a compreender o significado do termo Filosofia, seu surgimento e sua importância para sua formação acadêmica e também para sua própria vida como um todo. Como se pode perceber, os temas tratados na disciplina de Filosofia não são técnicas aplicáveis diretamente em sua profissão, nem procedimentos que serão de imediato colocados em prática.

O curso de filosofia almeja te despertar para este lugar que você, na condição de acadêmico, passa a ocupar em nossa sociedade, fornecendo novas perspectivas de leitura do mundo, ampliando sua capacidade de lidar com a complexidade dos saberes, no sentido de humanizar sua prática profissional.

Um curso superior não forma apenas técnicos, mas bacharéis e licenciados, que devem ser capazes, não apenas de executar técnicas e procedimentos, mas sim, de pensá-las e, até mesmo, reinventar sua própria profissão. Ter um curso superior é acessar a origem de determinado conhecimento e, como você pôde perceber, a origem de todo o conhecimento científico é a filosofia.

O percentual de pessoas que estão no ensino superior no Brasil ainda é muito pequeno e você certamente está em uma condição privilegiada por ter este acesso. Você será visto como uma referência e passará a ser um formador de opinião, pois, na condição de graduando, você passa a ter acesso ao

conhecimento científico e a compreender seus métodos, conquistas e limites. Sua capacidade de discernimento e senso crítico serão, certamente, ampliados e a disciplina de Filosofia é a porta de entrada para esse universo de novas perspectivas e visões de mundo.

Portanto, os temas tratados aqui te ajudarão inicialmente a compreender de onde veio a perspectiva científica, como sua profissão se relaciona com isso e como você vai construir este profissional dentro de você. Apaixone-se pela sabedoria e venha ser também um filósofo!

Referências

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Introdução à filosofia. (Textos básicos Filosofia e ciências humanas). Barueri, SP: Manole, 2003.

PLATÃO, Diálogos: Teeteto, Cratilo. Tradução direta do grego Carlos Alberto Nunes. Coordenação Benedito Nunes 3• Edição Revisada Belém- Pará, 2001.